

Os caciques erguem a voz

UM DEBATE NA SELVA: NOVE
TRIBOS BUSCAM O
CAMINHO DA SOBREVIVÊNCIA

CEDI - P. I. B.
DATA 31 12 186
COD. G2D 00018

Reunidos entre as ruínas de São Miguel, a 450 quilômetros de Porto Alegre, 26 caciques de nove tribos lançaram na última terça-feira, dia 19, a "Mensagem do Dia do Índio", com a qual encerraram a Sétima Assembléia de Chefes Indígenas — e na qual lembraram, apropriadamente, que aquele deveria ser o "dia de ouvir o índio". De fato, embora venham se reunindo desde abril de 1974, numa primeira assembléia feita no quintal da prelazia de Diamantino (MT), os caciques têm encontrado uma escassa audiência para suas reivindicações. Ou algo ainda pior: a Segunda Assembléia, em Cururu (RA), em maio de 1975, foi repentinamente paralisada logo no começo dos debates por interferência da Funai.

Na "Mensagem" da semana passada, vazada numa linguagem grave, de solenes ressonâncias universitárias, os caciques remontam a 22 de abril de 1500, "quando Pedro Álvares Cabral, pela primeira vez, pisou nestas terras, começando a expansão da civilização ocidental e o começo do fim das sociedades indígenas". Os caciques declaram-se "povos livres que não podem aceitar que outro povo decida os caminhos que devemos trilhar", condenam a emancipação e integração, "que são termos antropológicos", e protestam contra "a aplicação de métodos de educação colonialista etnocêntrica, que não respeitou nossa estrutura política, econômica e religiosa". Enfim, sempre segundo o texto escrito, oferecem um pouco de seus valores: "a esta sociedade (branca) despida de valores espirituais".

Esta retórica indígena dificilmente deixaria perceber que as reuniões de seus caciques, na realidade da vida prática, são extremamente simples: eles se



As margens do córrego, os índios têm a palavra

apresentam, dizem seu nome e vão direto aos assuntos — e o mais insistente e angustiante deles, sem dúvida, é o de suas terras. Os caciques foram inicialmente inspirados pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), mas depois passaram a se reunir por conta própria. "Nas reuniões seguintes cuidamos apenas do transporte", lembra o presidente do Cimi e bispo de Goiás Velho (MT) dom Thomás Balduino. A Sexta Assembléia, por exemplo, durou três dias — os últimos do ano de 1976 — e contou com 45 pessoas que acorreram às margens do córrego Tira-Catinga, em Diamantino. Sob uma frondosa árvore que chamam justamente, a convite do chefe Axikarusawá, dos Nambikwára, os índios de mais oito tribos da região de Diamantino e Serra Azul (Bororo, Iranxe, Menkü, Paresi, Apiaká, Rikbaktsa, Tapirapé e Xavante) falaram praticamente de todos os seus problemas — as doenças, a aculturação forçada, a má influência do branco. Os resultados da Sexta Assembléia foram levados a Brasília em meados de janeiro pelos padres Antônio Iasi, secretário geral do Cimi, presente à reunião, e Egdio Schwade, que encontraram alguma dificuldade em ser recebidos pelo presi-

dente da Funai, general Ismarth de Oliveira, segundo dom Thomás. Mas ele reconhece que a Funai, depois desse ciclo de reuniões, "têm feito um grande esforço para ajudar os índios".

VEJA apresenta, abaixo, extrato dos debates entre os índios ao longo dessa Sexta Assembléia. A transcrição reproduz fielmente a linguagem dos participantes, e a grafia dos seus nomes, bem como a das tribos a que pertencem, segue as convenções adotadas pelos antropólogos. As palavras entre parênteses foram colocadas no texto para

melhor clareza — elas não foram pronunciadas, mas apenas subentendidas pelos caciques. Trata-se de um raro, inquietante mergulho no universo em extinção do índio brasileiro que aqui tem, diretamente, a palavra.

Morar junto, plantar:

até quando?

AXIKARUSAWÁ — Por causa da terra reunir. Segurar esta terra? Não sei. Problema é terra bem segura. Pessoal da (Fazenda) Faixa Branca descer de avião: "Nós tirar tora da Serra Azul, vender em São Paulo". Coronel (delegado da Funai) falar: "Você falou com pessoal de Serra Azul? Mapa está pronto". Quando acabar reunião, (eu) vai lá. Eu vou caçar ele.

WAYAKUXI (Menkü) — Antigo morar, faz tempo. Morar junto, faz tempo. Morar, pedra morar. Junto morar mesmo. Morar Menkü, Paresi, Iranxe, Nambikwára. Depois espalhar. Civilizado aí atacar. Nós trabalhar. Roubar não pode. Não está certo. (Nós) não brigar. Funai não dá nada. (Fazendeiro) enga-

nar (quanto à) terra dele. Antigo (plantar) cará, amendoim, batata, mandioca, milho. Festa fazer, bola jogar. Aí eu escutar: padre dois mataram. Dois morrer, (para) ninguém roubar terra de índio. Agora (só isso) lembrar.

MARAKANĀ (Nanbikwára) — Nós não sabe o que acontece lá longe. Todos os chefes estão aqui pra colocar todos os problemas de cada um e poder unir. Nós devemos, pelo menos, tirar um bom pedaço de terra pra fazer como nós quer. Se alguém mata gente nossa não vamos correr, não somos bichos. Você (civilizado) não pensa como nós pensa. Aquilo que nós entende, entende. Nós temos outro tipo de idéias. Jornal não basta. Fazendeiro fazer mapa. Papel não está certo. Funai não tem nada que ver. Índio é que deve dizer pra Funai (como) fazer mapa. Temos que fiscalizar de ponta a ponta nossa área. (Nós) sem terra ficar no meio do civilizado, beber pinga, fazer sujeira, aquele sujeirão. Na época da chuva nós temos que abrir olho, porque na seca não sei o que vai acontecer. Isso eu falar pouquinho. Vou lutar.

Os bons tempos antes da estrada

WAMUHĒ (Xavante) — Eu vem de longe pra ajudar idéia. Só padre tem dó de pobre. Tem dois padres que morreu. Assassino está solto. Se fosse na nossa aldeia, nós mesmo pegar (o assassino), não chamar polícia. Antigamente no Brasil inteiro não tem branco; só índio tomar conta Brasil. Algum branco tem amizade do índio, outro não. Não sabe nada da vida dele. Ele é estudante, mas não sabe. Vamos trabalhar. Reserva tudo nossa, tudo unido. Vai ter muita fartura. Milho tem, nosso gado 290 cabeça. Temos porco. Nós criar. Mais tarde faltar comida? Só Deus sabe!

TEROWĀA (Xavante) — Eu não quero brigar. Vem pra cá pra ajudar, pra defender legítimo brasileiro. O branco não está matando com arma de fogo. A doença transmitida de branca acabar com nós. Primeiro, nós índio milhões. Nossa aldeia 1 000 pessoa, igual cidade. Outras aldeia 300, 400. Quando branco atacar primeiro, nós guerra pro civilizado. Meus parentes, somos mesmo sangue.

TXYWĀERI (Tapirapé) — Ele (Francelísio van der Broocke, na época diretor do Departamento Geral de Operações da Funai) quer mandar nós pra ilha do Bananal. Índio não (é) bicho que vai levar pra outro lugar. Índio que acostumou na mata não acostuma, tem que ficar (lá); noutro lugar morre. Funai

quer pegar reserva onde ela quer, mas não pode ser. Tem que ser onde índio quer. Só isso.

AHEZOMARÉ (Paresi) — Eu falar de minha parte, só minha idéia. Desde 16 anos eu chefe, lutar, brigar com todos, até com padre. Aquele tempo vivia sossegado. Só caçar, pescar. Ninguém andar atrás de terra. Depois que passou esta estrada* veio invasão de terra. Eu gostava de encontrar outras tribos pra falar, conversar. Nós mostrar pros brancos que nós somos gente. Assim como tem italiano, português, japonês. Nós tudo gente. O branco não pensa assim, por isso nós temos que dar uma resposta pro branco. Nós temos arma. Rondon, do Exército, deu arma. Naquele tempo índio não comia caça que matava com chumbeira. Depois índio acostumou. Lutar com flecha não dá. Nós não ferir ninguém, também não ser ferido. Rodear casa, apontar arma, falar alto: "Agora não vamos fazer nada. Nós vamos voltar, aí não deixar vocês. Era 150 aldeias no tempo de Rondon. Vocês tem que desculpar. Nós tem criança pra sustentar". Nós tem direito de reclamar. Pra que pegar jogo de branco? Nosso (jogo com bola de mangaba) mais bonito que civilizado. Precisa pegar coisa de civilizado? Comprar radiola, outra coisa?

YANAÍ (Iranxe) — Toda parte os brancos vão querer tirar terra do índio. Nós sabemos que só nós mesmo pode defender. Nem mesmo que temos que morrer. Coisa dos índios ninguém pode tirar; o que era do índio é do índio. Esse gado nasceu aqui. Agora vocês (missionários) levar pra cidade? Se eu quisesse podia dizer: "Dá cabo desse povo e atirar pro inferno"; mas precisa ter paciência.

ĀWĀETEKĀTO'I (Tapirapé) — Muitos anos nós mexendo pra conseguir terra. Funai sempre quer tirar (demarcar) o lugar que é alagado, nós não quer. Alagado não adianta. Funai sempre reclama com nós: "Esse lugar é demais; a aldeia de vocês é demais". E daqui uns anos, como vai ser? Somos 136 pessoas. Queremos pegar mais terra pra poder morar.

UM PARESI — Não precisa de Funai nem dos padres: somos índios nós mesmos. Vamos lá tirar tudo de fazendeiro, trazer tudo. Esse trator* já é nosso, ele estragar nossa terra. Essas outras raça (é) que usa flecha. O dia que vem fazendeiro, eu tenho roupa de soldado, você vai levar sua bala. Um não está sozinho. Lá dentro tem índio brabo. Não

* BR-364, Cuiabá—Porto Velho.

** Que os Paresi apreenderam do fazendeiro que invadiu a área, atravessando o rio Sacre.

vou esperar nem Funai nem padres, porque não é padre meu pai, não é meu nem Funai. Eu mostro casca de bala. Eu mato.

KEZOMAZORÉ (Paresi) — Eu trabalhei doze anos no posto. Não ganhei nada. O nosso chefe (branco) não sei onde ele mora. Não chega pra nós (o dinheiro). O chefe enfia não sei onde. Ele está folgado ganhando dinheiro nas costas de nós. Somos filhos do mato.

ZOKEZOMĀE (Paresi) — Da minha parte não tenho nada a dizer. Estamos aqui pra resolver problema terra. Nesse assunto de terra tem INCRA e Funai. Não sabemos quem vai solucionar. Outro problema, depois da terra, está a nossa cultura para manter sobrevivência. O índio sem terra não pode manter cultura. Em vez de perguntar ao índio, manda um que conhece as ruas principais do Rio, São Paulo, Brasília (mas não conhece nossa terra) vem aqui ver a BR-364 e diz: "Reserva vai ser aqui". Como vai resolver?

O trabalho em troca de latas vazias

ARAIKINĀ (Nanbikwára) — Eu conhecer pra assistir, eu morar longe, no final da linha telegráfica. Lá chama Campos Novos. Primeiro antropólogo que aparece lá é americano, ele gosta de índio. Eduardo Meno, outro americano: uma lata de leite Ninho (vazia) pra colocar fósforo, cobra 4 cruzeiros. Eu pagar com meu dinheiro. Cinco flautas levar para ele, me dá uma lata de Nescau vazia. Meu filho está doente malária, eu pedir remédio mas (ele me disse) índio de noite cantar: castigo demônio. Americano não gosta de índio. "Quando voltar meu país, mandar presidente jogar bomba atômica" (disse o americano).

VADOMIRO — (Bororo) — (Lendo) O índio deve ser um elemento que deveria ter prioridade. Mas a Funai não está com isto em mente, não o considera. O branco tem o índio como um animal selvagem, irracional, mas, praticamente, o índio é um homem como um branco. O índio também é humano. Nós índios não queríamos ter o branco como um inimigo, mas o próprio branco está obrigando o índio a ser seu próprio inimigo, pelo péssimo procedimento de ambição. O branco é um homem perverso: querem a todo custo agredir a terra do índio, mesmo lhe custando a vida. Aconselho a todos os índios que se for preciso não perdoem, podem agredir com violência. Funai: somente quando

continua na página 6

continuação da página 4

alguma tribo age violentamente é que a Funai se dirige ao local do ocorrido. Ao contrário, deveria dar assistência antes que aconteça algum crime ou coisa semelhante.

MARAKANĀ — Assunto de terra é o principal. Esse é o nosso coração. Vamos alargar ele.

KUNGUINÁ (Nanbikwára) — Se tiver alguém, não são todos. Cada um está vendo o coração do outro. Alguém de nós tem alguma coisa pra falar, parece que tem vergonha de falar.

Atenção: tudo acaba, menos Deus

KAZUIZOKAÉ (Paresi) — Todas as tribos falam. Nós está procurando caminho pra caminhar, mas não temos força. Nossa terra é fraca, precisa de máquina pra ajudar. Mas não tem ajuda nem dos padres, nem da Funai, nem da missão. Como posso ser civilizado? Vou plantando um pé de arroz aqui, outro ali. Se não fosse a seringa nós andava sem roupa, nem vestido, nem calçado. Eu trabalhei até de noite pra ter aquele mondrongo (caminhão doado) e agora não tenho gasolina... Hoje, índio não é só índio. Todo índio segue modo de índio e de civilizado. Agora precisa roupa. De manhã criança quer café, leite, um pão. Primeiro, índio não tinha doença, agora só tem doença de branco: pulmão, doença de rua. Agora precisa ajudar nós, precisa ter hospital, ter carro pra levar doente.

KEZOMAZORÉ — O branco acabou com nossa terra. Parece (que o) general Rondon, nosso pai, fechou os olhos. Ele andou todo esse mundo. Hoje em dia Funai tem carro, não anda a pé.

XINHURI (Iranxe) — Quando vi carro, pensei que era fazendeiro. Vou dar bala, furar todo pneu. Mas não era. Funai precisa fazer demarcação, onde índio pode ficar sozinho. Quando fazendeiro ele vê, quer pegar. Mas, um dia desses, nós vamos (enfrentar os fazendeiros). Ele morrer, nós também. Eles nascer pra morrer, nós também. Vou mais longe pra conhecer outros índios.

AHEZOMARÉ — Nós tem que marcar um tempo e, se vocês tem coragem, nós vai (a Brasília falar) com o presidente. Tem tribo que não tem terra. Nossa tribo está pra demarcar. Nós vamos com presidente (e perguntamos): "Vai demarcar? Se não vai, então nós mesmo" (demarcamos). Primeira coisa: alimento pra nós; sem alimentação ninguém trabalha. Por enquanto trabalho só mandioca. Agora já está comendo comida de branco, que foi que acostumou nós: ca-

fé, açúcar. Nós acostumamos, não pode largar. Esse negócio de roupa nós acostumamos, não pode largar. Remédio muito perigoso, índio não conhece. Antigamente tem remédio pra cobra, pra operação de mulher pra não ter criança. Agora governo tem que olhar pra nós. Nós não sabe se nós vai na frente. Nossos filhos que vão na frente, se a gente deixar um lugar pra eles viver. Por isso estamos convidando pra reunir, pra defender nosso corpo — ou então vamos morrer. Nós não podemos ser tratado como bicho e morrer como paca. Não pode ser como naquele tempo. Naquele tempo nós não conhece Deus.

WAMUHÉ — Presta atenção: não olha pra trás, não olha pra baixo. Se nós aprendemos muito, largamos de mão. O civilizado sabe mais que nós. Não é todo que gosta de nós. Aquele que não estuda não sabe história do índio. Chefe tem (que) juntar cada idéia pra saber o que vai contar à Funai. Senão a gente acaba. Nós na nossa aldeia não tem medo de ninguém, nem Funai, nem polícia. Se quer acabar, nós pode. Só Deus não acaba. Deus mais vale que o governo. Nós queremos aprender (ensinar) a criança como civilizado vive, anda pra frente. Quando criança sabe, ajuda pai. Nós temos capacidade, não só o civilizado. Nós temos gente, nós temos alma. Bom, eu vou deixar falar. Somos muitos, temos cabeça.

AHEZOMARÉ — A vida de civilizado tem muito valor (é muito difícil): esses que tem dinheiro passa bem, os outros não. Não é como nós, esses pobres (os civilizados pobres) não é como nós, que tem. Nós tem jeito de melhorar nossa situação. Aquele tempo que recebe presente, era estrago de nós. É verdade, naquele tempo não sabe. Até eu recebi garrafa de pinga. Até mulher receber pinga. Depois, essa estrada piorou pra nós que mora perto dela.

MARAKANĀ — Vamos continuar trabalho duro (nesta reunião), sem comer nem beber. Nós não tem brincadeira. Coloquemos placas (de aviso), três. Nós avisa, quando pegar flecha é pra matar. Se alguém mata um de nós, não foge ninguém, quarenta ou oitenta pessoa que seja. Duas pessoas de nós é capaz de acabar com todos.

ALINOR (Paresi) — Meus amigos, nós estamos aqui pra resolver nossa vida. Se ficar calado diante fazendeiro, nós sofre mais, pois fica sem terra, temos que viver como cachorro. O primeiro que estragou vida dos índios foi nosso vovô Rondon: ele deu machado, espingarda. Foi ele que primeiro cortou cabelo de índio. Ele que deu tesoura. Nós cortamos cabelo. Depois vieram os padres, os americanos. Já conhecemos um pouco do branco. Antigamente os nossos antepassados viver em paz com os bran-

cos. Agora ficar apertado. O povo brasileiro está aumentando, nós vamos ficar apertado.

TEROWAÁ — Quem era os homens bom? Era os padres. Começou aula, não compreende, não tem letra. Nós pensar: como branco está andando todo o país, assim nós volta pra cá. Aprende religião, pouco. Esclarece nossa cabeça. O mestre que ensina também aprende nossa língua. Ensinou: "Faz isso, Deus ajuda, porque nós somos criado". Quando era solteiro atrapalhou padre, fiquei nervoso, briguei com colega. (Eu era) raivoso, brigoso. Agora amizade. Lendo história do Brasil, fotografias, pensei: quando eu ficar formar, vou andar todo Mato Grosso pra ensinar (aprender) como (é) vida dos brancos. Vi falar, todo índio está aprendendo vício. Vício é estragar saúde. Está bebendo, fumando, todo vício é um só. Outro índio andava toda rua, toda cidade, aprendendo beber, rapariga, depois transmitir doença na aldeia. Esse acabar de nós. Índio casa com civilizada isso muito ruim, estraga saúde. Xavante casar com branca preta. Tem cinco filhos. O branco de doença é muito gravíssimo.

Palavras para a vida inteira

TXYWAÉRI — Está combinado. O plano meu foi o seguinte: todo mundo está reunido, faz encontro dos chefes para ver o problema. Hoje conversamos com o meu plano. Dia 20 de fevereiro nós vai pra Funai. Este povo que está perto está vendo mas não tem coragem de dizer. Nós temos liberdade de falar. (Em nossa) escola, falar como vida de índio, o que nós quer. Agradeço tudo vocês. Cada grupo volta pra seu lugar e viver como está vivendo.

AWĀETEKĀTO'I — O índio, primeiro, trabalha só coisa dele. Trabalha hora que quer. O branco é diferente, tem que acordar cedo. Tem um que trabalha de dia, outro que trabalha de noite. Deus fez esse terra não só para um morar, é pra todos. Meu pessoal quer conhecer outros índios. Se quem quer ir pode.

AXIKARUSAWÁ — Saúde está bom. Só nossa língua que não estuda. Eu quero esta gurizada estudar. Trazer jornal, livro. Quero caçar professor pra mim, este ano. O problema de terra, uma aldeia falta, eu pode ajudar.

ZOKEZOMAE — Vou agradecer em nome do povo do formoso. Agradeço outros irmãos. Tribos todas de Mato Grosso, principalmente os que vieram. Deus nos ajuda a conseguir as coisas. Os outros índios que fica apertado, eu vou ajudar. Não só falar, mas palavra para a vida inteira. Agradeço.